

ESTRATÉGIAS DE PREENCHIMENTO DO SUJEITO NULO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Aline Peixoto Gravina/UNICAMP¹

RESUMO

Nesse trabalho apresentaremos os resultados diacrônicos encontrados em um corpora de jornais, a respeito das mudanças do uso do sujeito nulo no Português Brasileiro (doravante PB). O PE teria uma característica de língua “pro-drop” e o PB teria perdido a maioria dessas propriedades, ficando apenas alguns contextos específicos. Rodrigues (2004) utiliza o termo “Língua de Sujeito Nulo Parcial” para identificar esse contraste de contextos específicos de sujeito nulo em uma determinada língua. “Língua de Sujeito Nulo diferente” é o termo utilizado nesse trabalho para essa alteração de parâmetros no PB. O corpora do trabalho é composto por três jornais: “O Recreador Mineiro” (1845 – 1848); “O Jornal Mineiro” (1897 – 1900) e “Tribuna de Ouro Preto” (1947 – 1950), estes circularam na cidade de Ouro Preto em Minas Gerais, em suas respectivas datas de publicação. Escolhemos trabalhar com esses períodos, pois acreditamos que o século XIX foi o grande marco para formação do estado-nação Brasil e conseqüentemente para a formação de uma língua nacional brasileira. Salientamos ainda que apenas com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, foi liberada a imprensa oficial na colônia. Dentro desse contexto histórico, nossos dados apontam para uma competição de gramáticas, no sentido de Kroch (2001), esse conceito é essencial para compreendermos a mudança lingüística, afinal toda mudança é gradual e geralmente apresenta uma forma antiga, uma forma inovadora e um momento de “transição” entre elas, ou seja, uma competição, em que ambas as formas são utilizadas pelos falantes. O quadro teórico para nossas hipóteses e explicações a respeito da mudança das construções e das alterações de suas propriedades ao longo do tempo é a teoria da Gramática Gerativa. Os resultados encontrados são bastante interessantes, pois revelam que mesmo se tratando de uma modalidade escrita formal (jornal), a mudança de comportamento lingüístico é atestada, demonstrando que não são apenas cartas pessoais ou textos de peças teatrais, como os utilizados por Duarte (1995), os gêneros textuais capazes de apontar a mudança de um fenômeno lingüístico em uma língua.

PALAVRAS – CHAVE

1- Mudança Linguística 2- Sintaxe Gerativa 3 – Sujeito Nulo

1– Lingüística histórica e mudança lingüística

O eixo primordial das pesquisas na diacronia são as línguas e suas respectivas gramáticas. As línguas não são estáticas, estão continuamente alterando suas configurações estruturais ao longo do tempo e é essa dinâmica que configura o objeto de estudo da Lingüística Histórica.

Segundo Kroch (2001), o campo da sintaxe histórica pode ser dividido em duas partes: *o estudo das gramáticas de línguas do passado e o estudo das mudanças nas gramáticas existentes nos registros históricos*. A primeira seria um ramo da sintaxe

1 Aluna de doutorado do curso de Lingüística da Universidade Estadual de Campinas

comparada, na qual se buscam evidenciar as gramáticas das línguas utilizadas em épocas pretéritas, através dos registros deixados em textos. A segunda estuda a instabilidade diacrônica da sintaxe e a transição de gramáticas. Na prática, essas duas partes não podem ser separadas totalmente, uma vez que o estudo da transição entre gramáticas implica no conhecimento prévio das gramáticas envolvidas, tanto no estágio inicial quanto no final.

Assim sendo, o aspecto diacrônico da sintaxe histórica é de grande interesse para a lingüística como um todo, já que é nesse domínio que a sintaxe histórica contribui com algo não disponível no estudo sincrônico das línguas existentes.

1.1– Mudança Lingüística

O conceito de “gramática” que guia essa pesquisa é aquele postulado pela teoria gerativa. Tal conceito nos remete a possibilidade de se gerarem estruturas, daí o nome *gerativismo*. No entanto, essa possibilidade é limitada pela “Gramática Universal” (GU), que estaria presente na mente/cérebro dos falantes, fazendo parte das faculdades inatas de todo indivíduo. Essa gramática seria composta por *princípios* – estes universais e imutáveis – e *parâmetros* – estes variáveis, sendo fixados diferentemente em gramáticas particulares. Segundo Chomsky e Lasnik (1993), os parâmetros são os responsáveis por determinar os limites de variação entre as gramáticas particulares. Nesse sentido, cada gramática representa um conjunto particular de valores parametrizados, que emergem no processo de aquisição da linguagem do falante, a partir da interação entre os princípios da GU e os dados lingüísticos a que a criança tem acesso, dados esses produzidos pelas gerações anteriores à sua.

Dentro do quadro gerativista, Chomsky (1985) associou seu conceito de gramática ao que chamou de Língua-Interna, ou Língua-I, por oposição à Língua-Externa ou Língua-E. A competência mental adquirida no processo de aquisição é o que caracterizamos como Língua-I. Por outro lado, a Língua-E remete aos enunciados produzidos por essa Língua-I.

Logo, quando tratamos de mudança, partindo do pressuposto da gramática gerativa, parece que estamos sendo contraditórios, pois se a gramática do falante se consolida na aquisição da linguagem, como ocorrem as mudanças lingüísticas de uma geração para outra? A tendência não seria termos uma língua constantemente homogênea?

Kroch (2001) afirma que *A mudança lingüística é por definição uma falha na transmissão de traços lingüísticos através do tempo*. Em grupo de falantes adultos monolíngues, essas falhas poderiam ocorrer no momento em que, por algum motivo, efetua-se a substituição de um traço por outro na língua, como acontece quando novas palavras substituem velhas. Porém quando se trata de traços sintáticos e gramaticais, tal inovação não é

verificada nesse grupo. Logo, as falhas na transmissão parecem ocorrer no curso da aquisição da linguagem, isto é, são falhas no aprendizado.

Daí surge uma questão: as línguas são estáveis ou instáveis em sua natureza? A discussão da literatura existente não obteve ainda resposta para essa pergunta. Obviamente se a interpretação dos enunciados lingüísticos são alterados em decorrência do contato com outra comunidade de fala, então ocorrerá mudança, já que a experiência lingüística das crianças dessa comunidade estará sujeita a modificação. Andersen (1973) aponta que a mudança pode ocorrer por questões endógenas. O autor sugere que uma vez exposta a dados lingüísticos do seu meio, a criança pode hipotetizar uma gramática diferente daquela dos falantes de onde seu input vem. Se a nova gramática difere da gramática original apenas levemente no seu output, o aprendiz pode não notar a diferença e não corrigir seu erro, logo haveria uma transmissão imperfeita.

Ao tratar da questão do processo imperfeito de aquisição da linguagem para a implementação da mudança, deve-se ir além da idealização gerativista padrão de aquisição instantânea por um falante ideal. Segundo Kroch (2001), em uma comunidade na qual todos os membros adultos aprenderam uma gramática G para uma língua L, essa situação se mantém estável durante pelo menos uma geração. A língua não está passível de mudança, pois uma criança nessa comunidade irá adquirir essa gramática G. Caso contrário, como os pais dessa criança conseguiram aprender G, dado que por hipótese, eles foram expostos a L? Assim Kroch, diferente de Andersen (1973), acredita que a mudança no processo de aquisição só ocorre se a língua sofrer influências externas, ou seja, é um processo exógeno.

Lightfoot (1991; 1999) propõe que a mudança nas gramáticas ocorre quando no processo de aquisição há uma alteração suficiente nos dados usados pelo aprendiz para estabelecer os parâmetros gramaticais. Sem tal fenômeno, a transmissão ocorre de maneira estável. Essa visão também elimina a mudança endógena na sintaxe. O que faz aflorar um problema: como são derivadas as mudanças que não se originam de fontes externas como contato lingüístico ou mudanças na morfologia ou fonologia, se não há mudança endógena? Para Lightfoot podem ocorrer desvios freqüentes no uso de vários tipos de sentenças. Eventualmente, essa distorção de freqüências se torna tão marcada que os aprendizes não são expostos a dados cruciais e assim adquirem uma gramática diferente daquela de gerações anteriores.

Kroch (1989, 2003) propõe que quando a evidência para a fixação de um dado parâmetro se torna fraca, alguns aprendizes não vão ser expostos a dados suficientes para fixar

o parâmetro corretamente. O resultado será uma população mista na qual alguns falantes têm a fixação paramétrica antiga e outros a nova. Nessa população mista, a próxima geração provavelmente será menos exposta aos dados necessários para fixar o parâmetro do jeito antigo. Evidentemente, essa população mista irá demonstrar nos textos essa diglossia de gramáticas. Assim, como parte da população ainda estaria marcando um determinado parâmetro positivamente e outra parte negativamente, a presença de duas gramáticas em nossos dados será algo esperado, já que pretendemos apontar para uma mudança no uso do sujeito nulo no PB.

O quadro teórico de aquisição e mudança ainda não tem uma hipótese absoluta, a respeito da fixação de um parâmetro ocorrer por questões endógenas ou exógenas. Mas para nossa pesquisa, algo parece ser incontestável: a Mudança Gramatical encontra-se ligada diretamente ao processo de aquisição da linguagem, o que pode ser resumida na afirmação de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2005, p.04) a respeito da mudança gramatical : “... é uma função da relação entre a capacidade inata e a experiência lingüística vivenciada pelas sucessivas gerações de falantes. O estudo da mudança depende fundamentalmente de uma teoria de aquisição de linguagem”.

Para aprofundar essa idéia, é preciso ter em mente que a “gramática”, nesse quadro, é um objeto mental, uma gramática internalizada (Língua-I), enquanto que os dados de língua são um objeto empírico a ser interpretado, a língua-externa (Língua-E). Os estudos gerativistas buscam fazer hipóteses sobre a Língua-I a partir das análises da Língua-E, que lhe é subjacente. Dessa forma, para que tais análises sejam confiáveis, é indispensável a intuição do falante. A intuição é a ferramenta chave da metodologia nessa teoria.

Quando lidamos com línguas pretéritas, evidentemente não dispomos dessa ferramenta. Assim para efetuar nossas análises, necessitamos averiguar com atenção as *pistas* deixadas pela Língua-E dos textos. Para tentar definir a Língua-I subjacente àquele texto, averigua-se a marcação paramétrica correspondente ao conjunto de dados. Com efeito, só podemos dizer que houve mudança em uma língua se houver alteração de marcação de um parâmetro nos textos. Ao admitirmos a possibilidade dessa mudança, estamos admitindo que ela deva ocorrer de forma abrupta. Isto porque os parâmetros têm valores binários. Logo se altera a marcação é de um para outro, não há meio termo.

Diante dessas afirmações, nos vemos diante da seguinte questão: Se a mudança gramatical, para a teoria gerativa, ocorre de maneira abrupta, por que na diacronia dos dados vemos essa mudança ocorrer de forma gradual? Para entendermos a “mudança histórica”, a

interpretação dos dados necessita de uma metodologia que permita abordar o problema da *variação diacrônica*.

Assim, para darmos conta desse aspecto, nos baseamos em Kroch (1989) que salienta que a *variação nos textos* não deve ser confundida com a *variação nas gramáticas*. Isto quer dizer que mudanças instanciadas nos documentos como variação gradual são reflexos de mudanças que podem ocorrer de modo abrupto.

Quando vemos nos textos a variação de duas formas que correspondem a diferentes fixações de um mesmo parâmetro, temos duas gramáticas diferentes se manifestando. Estamos diante das diferentes fixações de um mesmo parâmetro, geradas por gramáticas diferentes. Esse processo é denominado por Kroch (1994) de *competição de gramáticas*. No processo de competição de gramáticas a forma antiga vai dando lugar, gradualmente, à variante inovadora.

Dessa forma, ao examinar os dados, deve-se ficar atento ao “surgimento” de novas formas, pois tal forma pode ser um sinal da emergência de uma nova gramática na língua. Pode ser que a forma inovadora e a forma antiga entrem em competição por algum tempo, mas as formas antigas representarão resquícios dos padrões produzidos pela gramática anterior. Para Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2005), a variação entre duas formas no uso escrito já pode ser interpretada como resultado da emergência de uma nova gramática no plano da oralidade.

2. Apresentação dos resultados

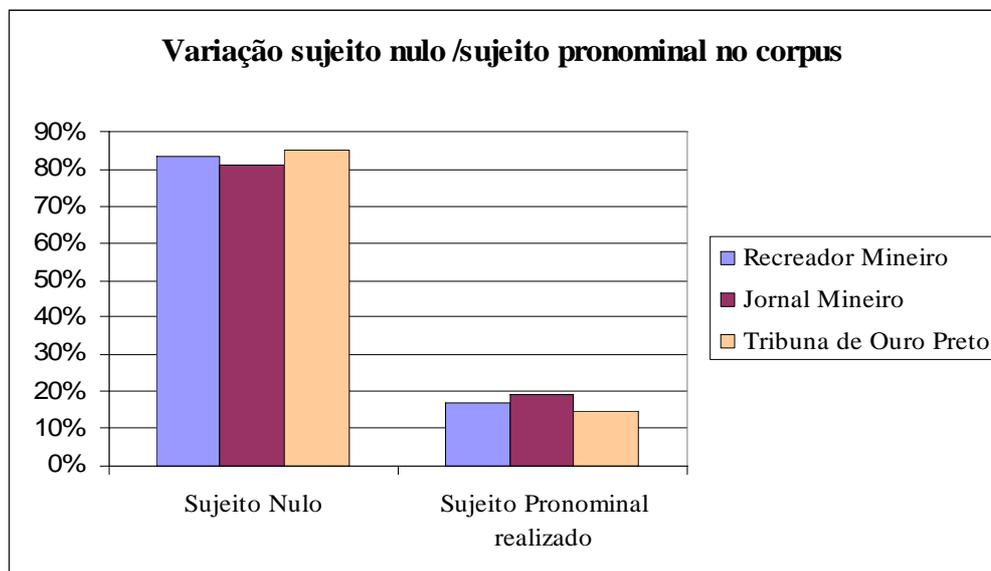
Os resultados apresentados nesse trabalho se encontram na dissertação desenvolvida por Gravina (2008)². No entanto, nesse artigo não aprofundaremos nas análises dos contextos gramaticais, apresentaremos apenas a primeira parte dessa dissertação, no qual identificamos “pistas” em textos formais do século 19 e do início do século 20 da emergência de uma gramática com sujeito preenchido no PB.

O corpus montado para a pesquisa foi composto por jornais que circularam em Ouro Preto, Minas Gerais, em três períodos distintos: “O Recriador Mineiro” (1845 – 1848); “O Jornal Mineiro” (1897 – 1900) e “Tribuna de Ouro Preto” (1945 – 1948). O conjunto total de nosso banco de dados foi de aproximadamente 150.000 palavras, composto por 5.135 sentenças. Desse total, selecionamos, inicialmente, os contextos em que se podia ter uma variação entre sujeito nulo e sujeito pronominal realizado e obtivemos 1.704 sentenças.

2 Uma cópia da versão completa dissertação encontra-se no site do projeto temático Tycho Brahe <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/pesquisa/>

Abaixo temos o gráfico desse primeiro resultado:

Gráfico 1



Os resultados apresentados no gráfico acima, inicialmente, são estranhos perante os trabalhos de cunho sociolinguistas e gerativistas desenvolvidos na última década. Afinal, a literatura apresenta trabalhos que mostram variação/mudança no comportamento do uso do sujeito nulo x sujeito pronominal no PB (dentre outros, Duarte, 1993; 1995, Figueiredo Silva 1996; 2000, Barra Ferreira 2000, Rodrigues 2004). Acredita-se que o PB tenha deixado de ser uma língua com sujeito nulo para se tornar uma língua com sujeito preenchido. Assim, ao se deparar com os dados acima, a tendência é justificar a ausência de variação entre essas variáveis ao gênero e estilo do *corpus* utilizado.

Por se tratar de textos jornalísticos a primeira hipótese levantada foi que devido ao fato de ser escrito por pessoas escolarizadas, tal influência, mascararia os dados e não demonstraria a variação/mudança ocorrida na língua. Dentro de uma vertente gerativista nos

perguntamos: mas o parâmetro do sujeito nulo possui interferência escolar? É algo que se deixa de usar na escola? Se a literatura gerativista afirma que o PB perdeu o seu princípio “evite pronome”, de certa forma, a escolarização não pode ter interferência nesse fenômeno, pois é um parâmetro aprendido no processo de aquisição da linguagem.

E foi exatamente com esse pensamento que retornamos aos dados. Claro que por se tratar de um texto com uma escrita mais formal, a análise não poderia ser feita da mesma maneira que se faz com textos informais.

Ao retornar e analisar os ambientes sintáticos em que poderia ocorrer um sujeito nulo ou um sujeito pronominal, percebeu-se que os redatores dos jornais evitaram usar pronomes, por isso não se vê variação no gráfico 1, mas ao mesmo tempo não deixaram que esses contextos ficassem nulos. E é exatamente essa questão o diferencial de nossa análise. Averiguou-se o uso de uma estratégia de preenchimento diferente da pronominal, um preenchimento lexical. Este preenchimento, apesar de lexical, sempre fazia referência a algo já dito anteriormente, funcionando como uma retomada. Assim, os sujeitos que apresentaram essa característica foram denominados de *Sujeito Lexical Anafórico*.

3. A presença do Sujeito Lexical Anafórico

No *corpus* identificamos e classificamos três tipos de sujeitos Anafóricos:

1^o) *Retomada anafórica do nome:*

a)[] Maria Santíssima, a creatura privilegiada de Deus, desde o nascimento predestinada a ser Mãe de Jesus, não podia, pela linhagem donde descendia, ocupar um lugar desconhecido entre os mortais. (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 11 Ouro Preto, 21 de outubro de 1945 REDAÇÃO – Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva GERENTE – Benedito dos Santos Saraiva p.01)

[] A Mãe do Verbo Incarnado não seria, então a creatura humana todavia divinizada pela aureola imaculada, que a elevava acima de todas as grandezas e dignidade da terra. (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 11 Ouro Preto, 21 de outubro de 1945 REDAÇÃO – Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva GERENTE – Benedito dos Santos Saraiva p.01)

A Mãe do Verbo Incarnado = Maria Santíssima

b)[] *Em nosso ultimo número, noticiamos a estada entre nós do Dr. Oscar Ricardo Pereira que aqui por determinação do ilustre Secretário da Viação e Obras Públicas, afim de proceder os primeiros estudos sobre a localização da nossa praça de esportes.*(Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 15 Ouro Preto, 18 de Novembro de 1945 REDAÇÃO – Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva GERENTE – Benedito dos Santos Saraiva p.01)

[] *Pela espontaneidade cativante com que S. Excia. Veio ao encontro de sua grande aspiração, a população de Ouro Preto não lhe regateará os aplausos sinceros, fazendo votos*

para que seja das mais fecundas e felizes a sua promissora administração à frente da Secretaria da Viação e Obras Públicas.(Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 15 Ouro Preto, 18 de Novembro de 1945 REDAÇÃO – Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva GERENTE – Benedito dos Santos Saraiva p.01)

S. Excia. = Dr. Oscar Ricardo Pereira

2ª)Repetição:

a)[] *Ocupa a atenção dos presentes o **Dr. Gerardo Trintade** em nome da "Sociedade dos Amigos de Ouro Preto", não obstante se tratar de um orador já consagrado nossa opinião foi a de que o **Dr. Gerardo Trintade** desempenhou, de maneira impecavel e com grande felicidade, sua missão de orador oficial da solenidade, havendo produzido magnifica peça oratória e sendo que ao terminar referiu-se a D. Helvécio, chamando-o de pelo titulo , Arcebispo de Mariana , mas, pelo coração, Arcebispo de Ouro Preto.* (Tribuna de Ouro Preto Sob os Auspícios da Sociedade de Ouro Preto Ano 1 - NUM. 06 Ouro Preto, 3 de Junho de 1945 REDAÇÃO – Rua Tiradentes, 19 Diretor - Luis Ferreira da Silva GERENTE – Benedito dos Santos Saraiva p.01)

3ª) Outro tipo de retomada anafórica:

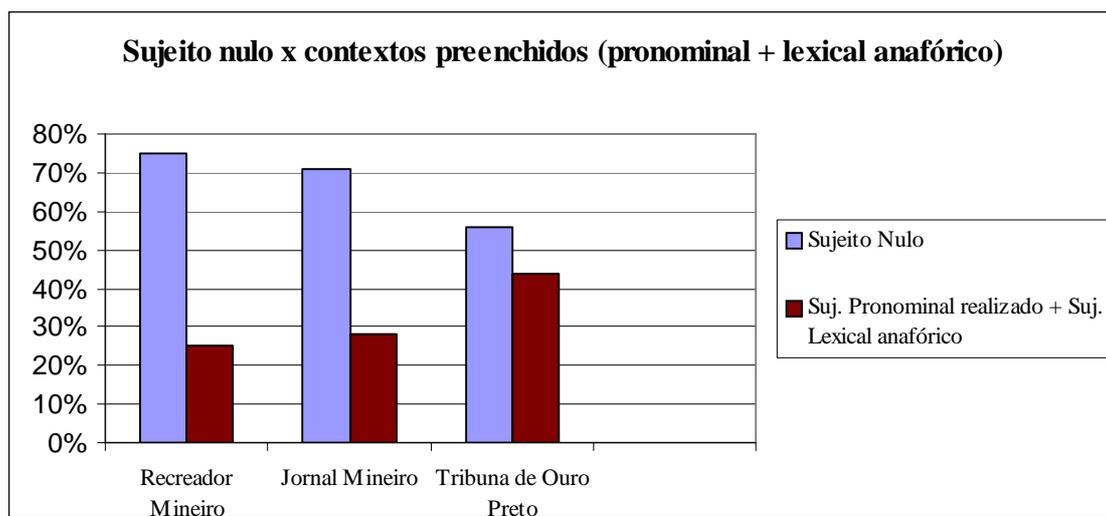
a)[] *Quando a lista foi apresentada a **Mr. Currau**, perguntou **este** para que era; respondeo-se-lhe que era para o enterro de Mr. O'Brien, **escrivão**.?*(Recriador Mineiro Tomo 1, 1 de Janeiro de 1845 N 1 Pág.14)

“este” retoma “Mr. Currau”

Como se pode ver, o Sujeito Lexical Anafórico foi a denominação batizada para a estratégia de preenchimento do sujeito. Notou-se que a expressão “A Mãe do Verbo Incarnado” poderia ser substituída pelo pronome “ela” sem nenhum problema e da mesma forma em todos os contextos em que esse fenômeno ocorreu. Portanto, os sujeitos lexicais anafóricos foram contabilizados junto aos sujeitos preenchidos por pronomes. Com o acréscimo desse tipo de estratégia nos dados, o número de sentenças analisadas para a pesquisa foi de 2063 sentenças.

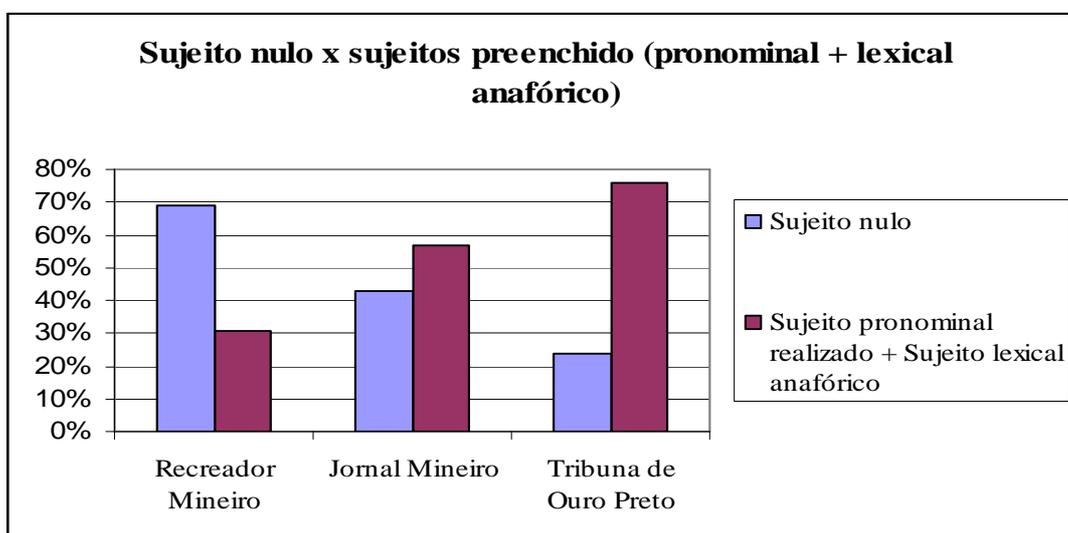
Após o acréscimo dessa variante encontrou-se os seguintes resultados:

Gráfico 2



Incluindo a estratégia do Sujeito Lexical Anafórico, a variação do sujeito nulo versus sujeito preenchido aparece nitidamente nos resultados. Ao se averiguar ainda mais de perto os dados, percebeu-se o uso exacerbado da primeira pessoa do discurso. Separamos esse contexto para uma análise mais apurada e, novamente, apresentamos os resultados dos dados selecionados, obtendo o seguinte gráfico:

Gráfico 3



O gráfico acima apresenta a mudança no PB, no que diz respeito ao uso do sujeito nulo na língua. O uso do sujeito preenchido é a variável em ascendência no decorrer do tempo, em contraposição o sujeito nulo vai sendo menos utilizado pelos redatores dos jornais.

4. Considerações Finais

A partir das análises e resultados apresentados, foi possível verificar o declínio do uso do sujeito nulo no decorrer do tempo. No entanto, esse declínio não se deu do uso de sujeito nulo para sujeito pronominal, tal como se vê na literatura sobre o assunto, mas sim, para um sujeito preenchido lexicalmente. O preenchimento desse sujeito lexical ocorreu de forma estratégica, através de retomadas que denominamos de *Sujeito Lexical Anafórico*.

5. Referências Bibliográficas

ANDERSEN, Henning. “Abductive and deductive change”. In: *Language* . 1973, p.765 – 793.

BARRA FERREIRA, Marcelo. Argumentos nulos em Português Brasileiro. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht, The Netherlands: Foris Publications, 1981.

DUARTE, M. E.L “Do pronome nulo ao pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil”. In: M.Kato & Roberts (eds) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas/SP, editora da Unicamp, 1993.p.107-128.

_____. *A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, 1995, 141p.

FIGUEIREDO SILVA, M.C. La position sujet em Portuguais Brésilien (dans les frases finies et infinitives). Université de Genève. Ph.D. Dissertation. 1994.

_____. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas – SP Editora da UNICAMP.1996 , 201p.

_____. Main and embedded null subjects in Brazilian Portuguese. In: NEGRÃO, E. & KATO,M. *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Editora: Vervuet-Iberoamericana. 2000. p.127-145.

GALVES, C. A Sintaxe do Português Brasileiro. In: OLIVEIRA, Marco Antônio. & NASCIMENTO, Milton. (orgs.). *Ensaio de Lingüística*. Caderno de Lingüística e Teoria da Literatura. Editora da UFMG – 1987 p.31- 48.

_____; SOUSA, Maria C. Paixão de; NAMIUTI, Cristiane. “Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa”. In: *Anais do Congresso de Lusitanistas Alemães*, 6. Leipzig: University of Leipzig, 2005.

HUANG, J. On the distribution and reference of empty pronoms. *Linguistic Inquiry*, 531p. 1984.

JAEGGLI, O. & SAFIR, K. “ The null subject parameter and parametric theory”. In: O. Jaeggli & K. Safir (eds). *The Null Subject Parameter*, Dordrecht, Kluwer, 1987.

KROCH, Anthony. “ Morphosyntactic variation”. In: *Proceedings of Annual Meeting of the Chicago Linguistics Society*. V2, 1994 p.180-201

_____. “Sintaxe Change” in BALTIN, M. & COLLINS, C. (orgs.) *Handbook of syntax*.

New York: Blackwell. 2001

LIGHTFOOT, David. *How to set parameter : Arguments from language change*. Cambridge, MA: MIT Press. 1991

_____. *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Malden, MA : Blackwell. 1999.

GRAVINA, Aline Peixoto. *A Natureza do Sujeito Nulo na Diacronia do PB: estudo de um corpus mineiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

RODRIGUES, Cilene A. N. *Effects of Loss of Morphology in Partial pro-drop Languages*. Tese de Doutorado - University of Maryland, UMD, Estados Unidos. 2004

_____. The status of Null subjects in Brazilian Portuguese. *Revista da ABRALIN*, v. 02, 2005, p. 42-72.